

## AS CONTRIBUIÇÕES DO OLHAR AFETIVO DO PROFESSOR NA IDENTIFICAÇÃO DA DISLEXIA NO PROCESSO ENSINO/APRENDIZAGEM

Veríssimo Guedes Araújo<sup>1</sup>

Alberaní Araújo de Medeiros<sup>2</sup>

Genilson Lima Diniz<sup>3</sup>

**Resumo:** As Contribuições do olhar afetivo do professor na identificação da dislexia no processo ensino/aprendizagem é abordada como são trabalhadas as competências e habilidades dentro do processo educacional as crianças diagnosticadas com dislexia. Tendo por objetivo, identificar a presença, ou ausência, da defesa de um olhar afetuoso e empático por parte dos professores/professoras para com seus alunos e alunas, no que diz respeito atenuar e superar possíveis dificuldades de aprendizagem. Para nortear o trabalho se fez necessário revisão de literatura, apoiados em autores como Capovilla, Capovilla (2004), Ianhez, Nico (2002), Rotta; Ohweiler, Riesgo (2016), Pestun Ciasca; Gonçalves (2002), entre outros. A partir da seleção das obras supracitadas, desenvolvemos uma pesquisa qualitativa de *revisão bibliográfica*, confrontando com um considerável referencial teórico, sob um olhar da Neuropsicopedagogia, em relação ao processo de Ensino/Aprendizagem.

**Palavras-chaves:** Dislexia. Neuropsicopedagogia. Afeto. Empatia. Aprendizado.

### 1. Introdução

A escolha dessa temática que busca analisar a importância da afetividade e empatia no trabalho do professor (a), partiu de uma questão pessoal, porém também está intimamente ligada às questões sociais e acadêmicas. Aqui é feito um recorte para a *dislexia*, e como um olhar afetuoso pode ajudar os professores a identificar e desenvolver um trabalho significativo com seus alunos com esta patologia dentro do processo de ensino/aprendizagem. Durante minha formação acadêmica não tive uma formação específica para trabalhar com alunos com deficiências, dificuldades ou distúrbios que possam interferir na vida escolar, assim como muitos professores e professoras, e muitos

<sup>1</sup> Graduado em História Licenciatura pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte-CERES- Caicó. Especialista em Neuropsicopedagogia Clínica e Institucional FVJ-CAICÓ.

<sup>2</sup> Possui Graduação em Licenciatura Plena em HISTÓRIA - Faculdades Integradas de Patos (2003), Graduação em PEDAGOGIA pela Universidade Potiguar (2018), É Graduado em CIÊNCIAS BIOLÓGICAS pela UFPB - Universidade Federal da Paraíba (2019) e Mestrado em CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (2014) Lisboa/Portugal.

<sup>3</sup> Graduado em Ciências Biológicas (UNOPAR) e Agronomia (UFCG). Mestre em Horticultura Tropical pela (UFCG). Doutorando em Agronomia pela (UFPB). Docente na Faculdade Caicoense Santa Teresinha (FCST).

desses profissionais infelizmente não têm a possibilidade de fazer uma formação continuada que o prepare melhor para essas situações. Deixando claro que cursar algo voltado para educação especial e inclusiva não deixará apto para todas as situações que podem surgir em sala de aula.

Por isso levanto essa dúvida na abordagem ou não da importância da afetividade por parte do professor em relação aos seus alunos e alunas, pois mesmo sem uma formação específica um professor com um olhar mais atencioso aos seus alunos pode identificar possíveis dificuldades de aprendizagem e assim buscar ajuda profissionalizada, além de conseguir desenvolver um melhor trabalho de ensino para com seus alunos, ao invés de criar mais barreiras e traumas, tendo em vista que os problemas de aprendizagem vão além de patologias e distúrbios. No caso específico da dislexia demanda um olhar apurado por parte dos educadores e uma grande dedicação, muitas vezes só alcançada através do afeto e empatia para com os alunos e com o processo de ensino/aprendizagem de forma geral.

Essa abordagem pode vir a ajudar vários profissionais que se encontram em situações desafiadoras por falta de um preparo específico, muitas vezes, se ver impossibilitado de trabalhar com alunos com dificuldade de aprendizagem, porém com esforço, boa vontade e um olhar dedicado pode-se vencer a maioria das dificuldades do processo de ensino/aprendizagem, incluindo a desafiadora dislexia. Partindo deste contexto é que surge a seguinte questão: Quais as contribuições do afetivo olhar do professor (a) com relação a identificação dos possíveis casos de dislexia e seu processo de ensino/aprendizagem?

Para responder a esse questionamento é que buscamos assim alcançar especificamente os seguintes objetivos: Compreender se consta a defesa da prática da afetividade e empatia por parte dos professores (as), ao trabalhar com alunos com dislexia; analisar a importância de um olhar sensível e empático na hora de identificar possíveis casos de dislexia, como também intervir de forma positiva no ensino/aprendizagem dos alunos. Investigar as práticas defendidas pelos teóricos estudados, a respeito de possíveis intervenções realizadas pelo Neuropsicopedagogo junto ao corpo docente ao se trabalhar com alunos portadores de dislexia.

Relevante no âmbito pessoal por acrescentar aos meus conhecimentos enquanto *professor* e futuro *Neuropsicopedagogo*, informações extremamente relevantes, a respeito da dislexia, além de outros exemplos de distúrbios, transtornos e dificuldades de aprendizagem, bem como um vasto repertório de metodologias e práticas que podem ser aplicadas, aos alunos e alunas, podendo inclusive serem adaptadas às múltiplas realidades. Buscando através de um olhar afetuoso e empático para com os alunos/pacientes, ajudá-los a superarem dificuldades e obstáculos que se fazem presentes no processo de *ensino/aprendizagem*, uma vez que esse olhar, *afetuoso* e *empático*, me prevenir de possíveis erros de avaliação e julgamento, buscando sempre entender o contexto familiar, emocional e social dos alunos, ajudando inclusive a perceber as diferentes formas de aprender de cada indivíduo.

Importante no âmbito social por contribuir nas discussões em relação ao modo como estão inseridas as pessoas com dislexia nos ambientes, escolar, familiar e social, trazendo uma alternativa à possível falta de um conhecimento científico, por parte dos indivíduos dos ambientes supracitados, defendendo que um olhar afetuoso e um conjunto de atitudes empáticas irão contribuir para a inserção de pessoas com dislexia, garantindo seu desenvolvimento intelectual, social e emocional, de forma gradual, respeitando o tempo e as particularidades de cada indivíduo, vencendo o preconceito, a discriminação, evasão escolar, problemas de baixa autoestima, depressão, entre outros, proporcionando assim sua integração à sociedade, de forma natural e com mínimo possível de desconforto.

Relevante no âmbito acadêmico devido ao fato de trazer algo relativamente novo, no que diz respeito ao modo como se aborda a dislexia, no caso da defesa de um olhar afetuoso e empático por parte de professores e professoras, para com seus alunos com dislexia e demais distúrbios, transtornos e dificuldades de aprendizagem, gerando uma alternativa para os profissionais envolvidos no processo de ensino/aprendizagem em nosso país, devido ao grande déficit no que diz respeito a uma formação específica de professores e professoras, no que diz respeito às grades curriculares das graduações em licenciatura (algo que vem mudando nos últimos anos, mas ainda longe do ideal), além da baixa oferta de cursos de pós-graduação, formação continuada, com conhecimento específico na área de educação inclusiva, além do fato de termos consciência de que não existe uma receita pronta, pois cada ser humano é único, e isso também se aplica aos seus

possíveis distúrbios, sendo esse a grande vantagem do professor fazer uso desse olhar afetuoso e empático para com seus alunos, eles poderão assim entender melhor seus alunos e alunas e a partir daí, realizar as melhores adaptações possíveis, mas isso só será alcançado se esse debate ocorrer no mundo acadêmico, por isso a grande relevância acadêmica do presente trabalho, trazer a esperança de que essa discussão chegue aos debates da academia, e seja aprimorado e trabalhado.

Para nortear o trabalho se fez necessário revisão de literatura, apoiados em autores como Capovilla & Capovilla (2004), Ianhez, / Nico, (2002), Rotta Ohweiler, Riesgo, (2016), Pestun; Ciasca; Gonçalves, (2021), entre outros. A partir da seleção das obras supracitadas, desenvolvemos uma pesquisa qualitativa de *revisão bibliográfica*, confrontando com um considerável referencial teórico, sob um olhar da Neuropsicopedagogia, em relação ao processo de Ensino/Aprendizagem.

Buscando analisar os dados acerca do distúrbio da dislexia para obter uma ideia precisa sobre o estado atual dos conhecimentos a respeito da *dislexia*, e principalmente se havia nas obras, a presença ou ausência, da orientação, de um olhar *afetuoso e empático* por parte dos professores e professoras, para com os alunos com dislexia e demais distúrbios/transtornos/dificuldades de aprendizagem, tendo por objetivo desenvolver metodologias e práticas capazes de ajudar seus alunos e alunas a superarem os obstáculos do processo de ensino/aprendizagem, aqui em específico a dislexia.

Nas possíveis lacunas nesse quesito por nós proposto, contribuindo para o desenvolvimento do conhecimento. Os dados encontrados a partir da pesquisa bibliográfica aqui realizada, se mostraram animadores, uma vez que conseguimos identificar grandes contribuições no que diz respeito a nossa questão inicial, livros de áreas variadas de conhecimento, que buscam um objetivo em comum, desenvolver práticas e metodologias ativas para o processo de ensino/aprendizagem, pautado na multidisciplinaridade, uma vez que abordamos textos das neurociências, psicologia e pedagogia, buscando um conhecimento mais amplo e concreto, inteiramente pertencente às atividades relacionadas à Neuropsicopedagogia.

Foi encontrado dados que respondem de forma satisfatória a problemática, no tocante ao modo como os livros que abordam a dislexia, se referem as possibilidades de atividades e práticas que podem ser desenvolvidas por professores e professoras em sala

de aula, para atenuar e superar as dificuldades e desafios impostos pela dislexia, algumas obras indo ainda mais fundo na questão, trazendo orientações para as famílias, e o principal através do conhecimento vencendo a ignorância e o preconceito em relação ao distúrbio em específico, propondo uma educação inclusiva e produtiva, em certo ponto prazerosa.

## 2. Conceituando a Dislexia

No que diz respeito ao distúrbio de aprendizado nominado por dislexia (CID-10: F81.), a *Associação Brasileira de Dislexia-ADB*, está em consonância com instituições internacionais tais como, IDA – International Dyslexia Association e National Institute of Child Health and Human Development – NICHD, ao em 19 de setembro de 2016, conceituar a dislexia como: “A Dislexia do desenvolvimento é considerada um transtorno específico de aprendizagem de origem neurobiológica, caracterizada por dificuldade no reconhecimento preciso e/ou fluente da palavra, na habilidade de decodificação e em soletração. Essas dificuldades normalmente resultam de um déficit no componente fonológico da linguagem e são inesperadas em relação à idade e outras habilidades.”

No tocante ao diagnóstico da dislexia, bem como de outros distúrbios de aprendizagem se faz necessário um trabalho multidisciplinar, envolvendo várias áreas, tais como neurologia, fonoaudiologia, psicologia, neuropsicopedagogia, psicopedagogia, entre outras, caso necessário, porém a primeira percepção parte na maioria das vezes dos professores e professoras, reforçando ainda mais a necessidade de um olhar afetuoso e empático por parte do educador para com seus alunos diante de possíveis sintomas da dislexia, que podem ser vários, como aponta Ianhez, Nico (2002):

Desempenho inconstante; demora na aquisição da leitura e da escrita; lentidão nas tarefas de leitura e escrita, mas não nas orais; dificuldade com os sons das palavras e, conseqüentemente, com a soletração; escrita incorreta, com trocas, omissões, junções e aglutinações de fonemas; dificuldade em associar o som ao símbolo; dificuldade com a rima (sons iguais no final das palavras) e aliteração (sons iguais no início das palavras); discrepância entre as realizações acadêmicas, as habilidades linguísticas e o potencial cognitivo; dificuldade em associações, como, por exemplo, associar rótulos aos seus produtos; dificuldade para organização sequencial, por exemplo, as letras do alfabeto, os meses do ano, tabuada etc.; dificuldade em nomear objetos, tarefas etc.; dificuldade em organizar-se no tempo (hora), no espaço (antes e depois), de direção (direita e esquerda); dificuldade em memorizar números de telefone, mensagens, fazer anotações ou efetuar alguma tarefa que sobrecarregue a memória imediata; dificuldade em organizar suas tarefas; dificuldades com cálculos mentais;

desconforto ao tomar notas e/ou relutância para escrever; persistência no erro, embora conte com ajuda profissional (Ianhez; Nico, 2002, p. 26-7).

Não podendo esquecer que em cada indivíduo a dislexia pode se desenvolver de forma única, não sendo obrigado que todos tenham os mesmos sintomas, muitas vezes a pessoa com dislexia não apresenta todos os sintomas, apenas alguns, por isso a importância de um olhar atencioso, além de um canal de diálogo sempre aberto entre família e escola, para iniciar o mais rápido possível o tratamento e o desenvolvimento de estratégias adequadas.

No Brasil a dislexia atinge cerca de 15 milhões de crianças e jovens, informação veiculado pelo Correio Braziliense, postado em 10/06/2010 12:16 / atualizado em 22/09/2020 16:04, um número que tem crescido bastante nos últimos anos, assim como vários outros distúrbios/transtornos/dificuldades de aprendizagem. A dislexia em específico quando não diagnosticada ainda na fase inicial da infância, causa grandes dificuldades de aprendizagem para a pessoa com o distúrbio, acarretando muitas vezes problemas que vão além do processo de *ensino/aprendizagem*, muitas vezes gerando problemas de autoestima, preconceito e até depressão em casos mais graves. Segundo Frank (2003)

Os lados emocional e cognitivo da dislexia estão sempre entrelaçados, por isso que para o disléxico são importantes o apoio, a compreensão, a paciência e a dedicação daqueles que o cercam, pois, o fato da criança se sentir diferente dos demais já é um grande desafio, uma vez que este indivíduo terá de vivenciar os efeitos da dislexia, que é uma questão para a vida toda. (FRANK, 2003, p 128).

Devido ao certo avanço nos últimos anos em relação ao desenvolvimento do conhecimento a respeito desse distúrbio, tem se notado um grande progresso das áreas de conhecimento envolvidas direta e indiretamente no processo de ensino/aprendizagem, inclusive com grandes trabalhos multidisciplinares, reunindo de forma inédita nas últimas décadas pesquisas e produções bibliográficas fruto da junção entre as neurociências, psicologia e pedagogia, proporcionando um conhecimento mais amplo a respeito de como o cérebro humano aprende, assim possibilitando o desenvolvimento de metodologias e práticas que conseguem alcançar o aprendizado dos mais variados indivíduos, superando as dificuldades impostas em razão dos possíveis distúrbios/transtornos/dificuldades de aprendizagem, um exemplo prático é o surgimento da Neuropsicopedagogia, uma área de

conhecimento relativamente jovem, quando se analisa de forma conjunta entre as três áreas de conhecimento.

### 2.1. Dislexia: leituras e visões antagônicas.

Ao nos aprofundarmos no mundo da educação, amparados pela Neuropsicopedagogia e suas áreas correlatas, acabamos nos deparando com uma infinidade de possibilidades, leituras e releituras sobre o processo de *ensino/aprendizagem* e suas infinitas perspectivas e dificuldades, fato comum a todas as áreas de conhecimento, o que demonstra um constante processo de desenvolvimento do conhecimento.

Em se tratando da dislexia, não é diferente, por muito tempo negligenciada, devido à falta de conhecimento, gerando grandes dificuldades para as pessoas portadoras desse distúrbio, causando muitas vezes evasão escolar, baixa autoestima, somado a isso muita dor e sofrimento, causados pelo preconceito e discriminação, vindos dos familiares, colegas de sala e até mesmo dos professores e professoras, por de fato ignorarem o assunto.

Felizmente nos últimos anos essa situação vem passando por mudanças lentas, porém constantes, onde através de ampliações curriculares nos cursos de graduação, e na oferta cursos de Pós-graduação e formação continuada, com a temática da *educação inclusiva*, através do conhecimento vem se alcançando grandes mudanças no modo em que se trabalha com os alunos com dislexia, muito desse avanço se deve ao conhecimento histórico, de grandes personalidades da atualidade e do passado que eram disléxicos, como Leonardo da Vinci, Thomas Edison, Pablo Picasso, entre outros, informações como essa permitem um novo olhar sobre a dislexia.

São transtornos nos quais os padrões normais de aquisição de habilidades são perturbados desde os estágios iniciais do desenvolvimento. Eles não são simplesmente uma consequência de uma falta de oportunidade de aprender nem são decorrentes de qualquer forma de traumatismo ou de doença cerebral adquirida. Ao contrário, pensa-se que os transtornos originam-se de anormalidades no processo cognitivo, que derivam em grande parte de algum tipo de disfunção biológica” (CID – 10,1992:236 apud WR Educacional p.236).

Na literatura, não é diferente, muitos livros abordam a dislexia apenas do ponto de vista neurobiológico do distúrbio, apontando seus sintomas, diagnósticos, e práticas

metódicas a respeito do tema e de como deve se tratar a pessoa com dislexia, no ambiente escolar, trazendo métodos e práticas de como se alfabetizar pessoas com dislexia através de ferramentas específicas, como por exemplo o livro **Alfabetização: método fônico**, de Capovilla, A. G. S. & Capovilla, F. C. (2004), tem clara função ser um manual de práticas de alfabetização baseado no método fônico, onde é muito bem utilizado na alfabetização de portadores da dislexia e de outros distúrbios e transtornos de aprendizagem que tem a leitura como maior dificuldade, propondo assim um método baseado na oralidade, onde se busca atenuar as dificuldades de leitura, aliando claro a prática da leitura, tendo como objetivo alcançar ao longo dos anos o desenvolvimento da capacidade de leitura.

Alguns autores têm buscado um “novo” caminho, evidenciando o fator humano/afetuoso/empático e de todas as questões emocionais, sociais e psicológicas por trás do contexto. Tentando abordar a dislexia como algo além do distúrbio, como uma questão humana, evidenciando que pessoas com dislexia são capazes de aprender, se desenvolver e conviver em sociedade, desde que se tenha um tratamento adequado, da família da escola e da sociedade, recorrendo a exemplos de grandes pensadores como os supracitados, assim buscando intervir diretamente na vida das pessoas com dislexia e na comunidade de forma geral, combatendo a discriminação, o preconceito, e toda dor e sofrimento por parte do disléxico, abordando a dislexia como um dom.

Como fez Davis (2004), em seu livro o **Dom da Dislexia**, rompendo com a comum associação do termo dislexia às dificuldades de aprendizagem, evidenciando grandes personalidades históricas, que sendo disléxicas, deixaram seus nomes na história, nas mais variadas áreas da história humana. Davis (2004), busca através desse novo olhar sobre a dislexia, mudar o modo como o próprio disléxico se vê dentro da sociedade.

[...]. Ter dislexia não faz de cada disléxico um gênio, mas é bom para a autoestima de todos os disléxicos saberem que suas mentes funcionam exatamente do mesmo modo que as mentes de grandes gênios. Também é importante saberem que o fato de terem um problema com leitura, escrita, ortografia ou matemática não significa que sejam burros ou idiotas (DAVIS, 2004: p.31)

Davis (2004), através das pesquisas e de sua própria vivência, traz luz sobre práticas e métodos de como se entender e ajudar as pessoas com dislexia a entenderem como a dislexia se comporta no cérebro humano, faz com que seja capaz de superar os

desafios e dificuldades encarados no processo de ensino/aprendizagem, como fica claro no trecho a seguir.

[...] uma palavra – não tem uma imagem mental e significado para o dislético, a desorientação e os erros são o resultado. Sendo assim, quando mostramos aos disléticos como desligar as desorientações no momento em que ocorrem, e depois ajudar a encontrar e dominar os estímulos que desencadearam a desorientação, os problemas de leitura, escrita e ortografia começam a desaparecer. (DAVIS, 2004: p.38-39)

Claramente as práticas propostas pelo autor, sendo adaptadas e aplicadas em sala de aula, irão possibilitar uma abordagem empática, humana e afetuosa por parte do professor (a), possibilitando um desenvolvimento mais prazeroso e produtivo para os alunos e alunas.

### 2.3 Dislexia na sala de aula: desafios, dificuldades e infinitas possibilidades.

No que diz respeito ao processo de Ensino/Aprendizagem em si, claro que indo além da sala de aula, torna-se perceptível a participação da família e da sociedade, no que diz respeito à dislexia. Para tanto, aqui teremos como base duas obras, *Transtornos da aprendizagem: abordagem neurobiológica e multidisciplinar*, nem sempre é o que parece: Como enfrentar a dislexia e os fracassos escolares, e demais obras.

De início uma breve análise sobre as obras, começando por uma visão mais abrangente, sobre os *Transtornos da aprendizagem: abordagem neurobiológica e multidisciplinar*, é fruto do trabalho em conjunto formado por vários profissionais das áreas que se correlacionam às *neurociências, saúde, psicologia e educação*, profissionais de grande destaque em suas áreas de atuação, que tem como objetivo em comum apresentar um vasto estudo a respeito dos principais transtornos/distúrbios/dificuldades de aprendizagem bem como a dislexia, sob um olhar multidisciplinar, que vem se tornando comum nos últimos anos, a partir do desenvolvimento da Neuropsicopedagogia, e da enorme e antiga necessidade em se desenvolver métodos e práticas de ensino e saúde que possam possibilitar um maior aprimoramento do processo de Ensino/Aprendizagem como um todo, dessa forma o livro aqui referenciado traz uma grande quantidade de sugestões que podem ser colocadas em prática no dia a dia, tanto no ambiente escolar quanto no familiar, a fim de superar essas dificuldades.

Apresentando um grande destaque à *Plasticidade Cerebral*, capacidade do cérebro de se adaptar, (re) aprender e se conectar, tornando possível seu desenvolvimento mesmo com algumas áreas comprometidas, desde que seja estimulado corretamente, tornado assim possível que todos aprendam, cada um à sua maneira e tempo.

[...]”Numa forma abrangente, plasticidade neural pode ser definida como uma mudança adaptativa na estrutura e nas funções do sistema nervoso, que ocorre em qualquer estágio da ontogenia, como função de interações com o ambiente interno ou externo ou, ainda, como resultado de injúrias, de traumatismos ou de lesões que afetam o ambiente neural” (PHELPS, 1990, p117. ).

A partir da afirmação acima entendemos que o cérebro humano e suas conexões neurais são capazes de se reconectar e corrigir falhas, desde que estimulado corretamente, aplicando-se ao modo como se pode trabalhar a dislexia, bem como a outros distúrbios de aprendizagem.

Objetivando uma visão mais específica da dislexia, Ianhez e Nico (2002, p.22) “Nem sempre é o que parece: Como enfrentar a dislexia e os fracassos escolares”, traz uma abordagem bastante específica a respeito da dislexia, bem como das infinitas possibilidades que podem ser desenvolvidas para garantir o aprendizado dos alunos e alunas com dislexia.

As autoras partiram da necessidade de esclarecer dúvidas gerais e específicas sobre a *dislexia*, dando inclusive sugestões e dicas tanto para as pessoas com distúrbio quanto para as pessoas envolvidas em sua vida social, como família e escola, trazendo sugestões práticas que tornam possível o desenvolvimento de sua vida pessoal, profissional e social, algumas delas como a sugestão do uso de gravadores e outras ferramentas que tendem a ajudar a superar os desafios que se fazem presentes na vida das pessoas com dislexia.

Dentre as sugestões de práticas em sala de aula por parte dos professores e professoras, elencados alguns exemplos sugeridos por Ianhez e Nico (2002) a seguir

- Dê ao aluno um resumo do curso, se possível, antes mesmo de ele se matricular.
- Avisar no primeiro dia de aula sobre o desejo de conversar individualmente com os alunos que tem dificuldades de aprendizagem.
- Detalhar, no início do curso, todas as exigências, inclusive a matéria a ser dado, método de avaliação, datas de provas etc.
- Iniciar cada módulo com um esquema do que deverá ser apresentado naquele período. No final, realce de maneira resumida os pontos-chaves.

- Usar vários materiais de apoio para apresentar à lição a classe, com: lousa, projetores de slides, retroprojetores, filmes educativos, demonstrações práticas e outros recursos de multimídia.
- Introduzir o vocabulário novo, ou técnico, de forma contextualizada.
- Evitar confusões, isto é, dando instruções orais e escritas ao mesmo tempo.
- Quanto à tarefa de leitura:
  - Anunciar o trabalho com bastante antecedência, a fim de o disléxico poder, ser necessário, arranjar outras formas de realizá-las, como gravar o livro;
  - Considerar também, a possibilidade do trabalho em grupo;
  - Quando apropriado, proporcione alternativas fora da sala de aula para tarefas de leitura, como dramatização, entrevistas e trabalho de campo;
  - Tenha centros de orientação pedagógica especializada nas escolas;
  - Dê exemplos de perguntas e respostas para o estudo de provas. Expliquem quais são as respostas aceitáveis, deixando claro o porquê da escolha desse tipo de resposta;
  - Realizar aulas de revisão que permitam o tempo adequado para perguntas e respostas;
  - Quando necessário, avalie o conhecimento dos estudantes com deficiência de aprendizagem usando métodos alternativos, inclusive avaliações orais, provas gravadas, trabalhos feitos em casa e apresentações individuais. (IANHEZ; NICO (2002, p.56)

Sugestões que podem ser adequadas de acordo com a realidade de cada aluno ou aluna, outros autores trazem sugestões semelhante para serem aplicadas em sala de aula, como por exemplo, Cardoso e Freitas (2019) sugerem

- A rotina é essencial na vida do disléxico, por causa da sua dificuldade de organização. A organização das atividades do dia, o fato de a criança saber o que vem a seguir, lhe dá confiança e a faz estar mais segura para aprender.
- Dividir as atividades em passos menores ajuda o disléxico a compreender o que está sendo pedido. O professor precisa ser sempre claro e objetivo, dando exemplos e sanando suas dúvidas sempre que houver.
- Deve-se ensinar sem presumir que ele já tem conhecimento prévio sobre o assunto. Portanto, fazer uma avaliação diagnóstica para saber quais são as habilidades já fixadas se torna um passo importante. A partir dessa avaliação, o professor poderá identificar onde existem lacunas que não foram preenchidas ou aprendizagens mal construídas.
- Cada criança tem um ritmo de aprendizagem que deve ser respeitado, evitando todo tipo de pressão e competição.
- A utilização de recursos como jogos que exercitem a memorização e a concentração é muito válida.
- Por ter dificuldade de se concentrar, o tempo se torna um inimigo. O disléxico precisa de mais tempo para realizar atividades e provas.
- Fazer esquemas ou pequenos resumos para a criança estudar ajuda na memorização do conteúdo.
- Permitir o uso de calculadora, tabuada, gravador.
- Evitar questões muito grandes, textos extensos para que a criança não se perca e não consiga responder à questão, mesmo dominando o conteúdo.
- O disléxico geralmente tem baixa autoestima; o professor precisa encorajá-lo, mostrando que ele tem muitas habilidades, sempre valorizando seu esforço
- Certificar de que a criança fez as anotações necessárias, dando-lhe tempo para copiar todo o conteúdo. (CARDOSO; FREITAS, 2019 p.45)

As sugestões acima, evidenciam uma preocupação em se proporcionar práticas e metodologias, por parte dos professores e professoras, em garantir a fluidez do processo de ensino/aprendizagem para seus alunos e alunas com dislexia, reforçando ainda mais a importância de um olhar afetuoso e empático por parte dos educadores.

Outro aspecto de extrema importância a se levar em consideração é o *jurídico*, partindo do ponto de vista do que prevê a legislação brasileira no tocante à inclusão de alunos com distúrbios, transtornos e dificuldades de aprendizagem, uma vez que todo e qualquer modo de inclusão, depende diretamente do acesso à educação.

Segundo a Lei nº 9.394/96, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), no Art. 13, inciso III, é dever do docente zelar pela aprendizagem de seus alunos. Toda criança tem direito à educação, e o professor deve garantir que todos tenham as mesmas condições para aprender. Para isso se deve adaptar conteúdos e metodologias, garantido que todos os alunos e alunas independente de suas especificidades possam aprender juntos, cada um ao seu próprio tempo, porém juntos, rompendo com antigas concepções.

Um ponto que chamou atenção é a presença clara do esforço de combater o preconceito em relação a dislexia, muitas vezes pautado na falta de conhecimento sobre a área, evidenciando que a maioria das pessoas diagnosticadas com dislexia apresentam alto índice de desenvolvimento mental e intelectual, torna um esforço para garantir que sejam feitas mudanças nas práticas desenvolvidas em sala de aula, como um maior uso da oralidade, tudo para garantir uma melhor adaptação e aprendizagem da pessoa com dislexia, combatendo assim o alto índice de evasão escolar, algo muito comum entre com distúrbio, infelizmente.

Distúrbio de aprendizagem é um termo genérico que se refere ao grupo heterogêneo de alterações manifestas por dificuldades significativas na aquisição e no uso da audição, fala, leitura, escrita, raciocínio ou habilidades matemáticas. Estas alterações são intrínsecas ao indivíduo e presumivelmente devidas à disfunção do sistema nervoso central. (COLLARES e MOYSÉS, 1992, p.32).

Além das inúmeras propostas e sugestões de adaptação do currículo escolar, traz também a legislação específica que garante o direito e obrigação do ambiente escolar se adaptar para atender da melhor maneira possível alunos com dislexia, elucidando dúvidas e mitos, buscando garantir inclusão e desenvolvimento, assim combatendo o preconceito.

Acrescendo que as autoras são membros da ABD - Associação Brasileira de Dislexia, dando grande seriedade e credibilidade ao estudo realizado.

As informações a respeito da dislexia, causas, sintomas, diagnósticos, tratamentos e intervenções, tanto no âmbito escolar, familiar e social como um todo, demonstrando que através do conhecimento se pode combater os mitos e preconceitos que sempre cercaram o distúrbio da dislexia, e que infelizmente cercam tantos outros distúrbios e transtornos de aprendizagem, gerando dor sofrimento, baixa autoestima, evasão escolar e até depressão. Para isso se faz necessário buscar o diagnóstico que é complexo, mas necessário, segundo Pestun: Ciasca e Gonçalves (2002) relata que:

[...] leitura, processo altamente complexo, estão envolvidos tanto aspectos neurológicos como sensoriais, psicológicos, sócio-culturais, socioeconômicos e educacionais, dentre outros. Portanto, um único profissional não basta para analisar esses vários aspectos e fornecer diagnóstico preciso e seguro (PESTUN; CIASCA; GONÇALVES, 2002, p.328).

Fato comprovado pelo trabalho realizado por *Reuven Feuerstein (2012)*, ao trabalhar com crianças, jovens e adultos, sobreviventes do *Holocausto judeu*, imposto pelos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), uma das maiores atrocidades da humanidade, mesmo assim Feuerstein, conseguiu através do desenvolvimento de um *Programa de Enriquecimento Instrumental (PEI)*, bem como da prática da *Experiência da Aprendizagem Mediada (EAM)*, onde por meio dos estímulos corretos o ser humano é capaz de desenvolver e recuperar o cognitivo, defendendo que o professor seja mediador e que o mediado (aluno/aluna) seja estimulado pelo o professor e pelo meio, garantindo assim o aprendizado, para todos e todas independente das dificuldades,

Diante disso, fica clara a importância da avaliação criteriosa, de modo a identificar a extensão e especificidades dos déficits e promover uma interlocução dos resultados de diferentes áreas do conhecimento para auxiliar na precisão diagnóstica e planejamento da intervenção (LIMA; SALGADO; CIASCA, 2011, p.761).

Fica perceptível que o aprendizado se torna possível, independente dos distúrbios, dificuldades ou transtornos de aprendizagem, desde que haja cooperação entre os alunos/alunas, professores/professoras, família e sociedade. Reafirmando a suma

importância do professor/professora, que muitas vezes se encontra diante de inúmeras dificuldades, sem uma formação específica, deixando claro que neste contexto, o educador deve estar aberto para lidar com as diferenças.

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao final da análise realizada compreende-se que na literatura trabalhada, a respeito da *dislexia*, dispõem de um rico e variado, repertório, de propostas de intervenções a serem realizadas tanto em sala de aula, quanto no ambiente familiar e social de indivíduos com dislexia, buscando através do conhecimento científico, atenuar e superar as dificuldades vividas por pessoas com dislexia, ajudando muito aos indivíduos envolvidos direta e indiretamente no processo de ensino/aprendizagem, uma vez que nos últimos anos tem ocorrido uma grande aproximação entre as neurociências, psicologia e pedagogia, preenchendo antigas lacunas, que por muito tempo foram grandes obstáculos ao desenvolvimento de um sistema de ensino e aprendizagem mais amplo, prova disso é o surgimento da Neuropsicopedagogia relativamente jovem, onde a cooperação multidisciplinar das áreas de conhecimento supracitadas deram um grande passo em direção ao aprimoramento almejado do processo de Ensino/Aprendizagem.

Ao iniciarmos nossa pesquisa tínhamos como meta identificar a presença, ou ausência, nas obras sobre dislexia, de uma defesa ou proposta de que os professores e professoras fizessem uso de um olhar *afetuoso e empático* para com seus alunos e alunas com dislexia, tanto no que diz respeito a entender e ajudar a identificar os primeiros sinais da presença do distúrbio, ainda no início da vida escolar, quanto em desenvolver práticas e metodologias de ensino, que garantisse a inclusão de alunos com dislexia, visando ajudá-los a superar suas dificuldades.

Os resultados foram extremamente satisfatórios e animadores, uma vez que identificamos nas obras trabalhadas, muitas informações sobre a dislexia trazendo o combate aos inúmeros mitos que existiam em torno da dislexia, mitos esses geradores de preconceito, além de uma grande preocupação em combater esses preconceitos, a exclusão, a evasão escolar, muito comum em casos onde as pessoas com dislexia não dispunham de um atendimento adaptado, os livros também apontam sugestões de práticas e metodologias, a serem realizadas em conjunto, tanto pelo corpo escolar, quanto familiar,

demonstrando uma preocupação com a questão emocional e psicológica para com os indivíduos com dislexia.

Chamando atenção para as complicações geradas a partir da falta de um trabalho inclusivo, como a baixa autoestima e com agravamento pode se tornar em depressão e outros males, que podem afetar de forma drástica essas pessoas. Ficando evidente uma preocupação para com a pessoa com o distúrbio da dislexia, além da mera questão conceitual do distúrbio, mas principalmente com o fator humano, emocional, social e psicológico, demonstrando em si uma abordagem afetuosa e empática.

Ao analisarmos o modo como a dislexia e outros distúrbios são abordados em obras literárias, e o papel da educação, reafirmo a defesa de um olhar empático e afetuoso para com meus alunos e alunas, no sentido de buscar entender o contexto social, emocional, familiar e cultural de cada aluno e aluna, buscando desenvolver em minhas aulas mecanismos que pudessem facilitar seu aprendizado, como adaptação do vocabulário utilizado nas aulas, ligar os conteúdos abordados aos temas recorrentes no cotidiano deles, entre outros exemplos, sempre tendo como meta a inclusão e o aprendizado, independente dos distúrbios, dificuldades e transtornos de aprendizagem, tudo isso passou a fazer mais sentido ao iniciar a especialização em Neuropsicopedagogia, me proporcionando um aprendizado mais amplo e concreto a respeito do processo de Ensino/Aprendizagem. O desenvolvimento do presente artigo acresce bastante meu conhecimento em relação a dislexia, reforçando ainda mais minha defesa e prática de um olhar afetuoso e empático para com meus alunos e alunas.

### Referências:

CAPOVILLA, A. G. S., & CAPOVILLA, F. C. (2004). **Alfabetização: método fônico**. 3a. ed. São Paulo, SP: Memnon, Fapesp, CNPq.

CARDOSO, Marcélia Amorim; FREITAS, Ana Carolina Abi-Chacra de Campos. **Dislexia: apontamentos e reflexões**. Revista Educação Pública, v. 19, nº 29, 12 de novembro de 2019. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/19/29/dislexia-apontamentos-e-reflexoes>

COLLARES, C. A. L. e MOYSÉS, M. A. A. **A história não contada dos distúrbios de aprendizagem.** Cadernos CEDES nº 28, Campinas: Papyrus, 1992, pp. 31-48.

DAVIS, Ronald D. **O dom da dislexia.** Rio de Janeiro: Rocco. 2004.

IANHEZ, Maria Eugênia; NICO, Maria Angela. **Nem sempre é o que parece: Como enfrentar a dislexia e os fracassos escolares.** Rio de Janeiro. Alegro, 2002.

FRANK R. **A vida secreta da criança com dislexia.** São Paulo: M. Books do Brasil;2003.

FEUERSTEIN, Reuven. **What Learning Looks Like: Mediated Learning in Theory and Practice, K-6.** Teachers College Press. Edição Kindle, 2012

ROTTA, N. T.; OHWEILER, L.; RIESGO, R.DOS S. (Org). **Transtornos da Aprendizagem: Abordagem Neurobiológica e Multidisciplinar.** 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2016.

PESTUN, M.S.; CIASCA, S.; GONÇALVES, V.M.G. **A importância da equipe interdisciplinar no diagnóstico de dislexia do desenvolvimento.** Arq. Neuropsiquiatria, v. 60, n.2 A, p. 328-332, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/anp/v60n2A/a29v60n2.pdf>. Acesso em: 07 de junho de 2021.

PHELPS, C.H. (1990). **Neural plasticity in aging and Alzheimer's disease: Some selected comments.** Progress In Brain Research, 86, 3-10.

LIMA, R. F. de; SALGADO, C. A.; CIASCA, S.M. **Associação da dislexia do desenvolvimento com comorbidade emocional: um estudo de caso.** Rev. CEFAC, v.13, n.4, São Paulo, p. 756-762, jul./ago. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rcefac/v13n4/88-09.pdf>. Acesso 06 de junho de 2021.